CULTURA & LAZER

Foto: Divulgação/Arte: De Marchi

Mortos-vivos invadem cultura pop com qualidade

hora dos zumbis

Luís Felipe Soares

O universo sobrenatural sempre chamou a atenção do homem. Coisas que não estão sob seu controle causam, ao mesmo tempo, curiosidade e medo. A morte é a única certeza da vidas e por isso a tratamos sempre com respeito e temor. Nada mais natural do que se criar um monstro que consiga fazer com que o fim de nossa trajetória corra atrás das pessoas. De tempos em tempos, os zumbis ressurgem de seus túmulos para tomar conta das diferentes vertentes da cultura pop e voltar ao estrelato.

A figura degradante dos zumbis causa repulsa, mas é notório que também nos deixa inquietos. Não à toa, é possível encontrar atrações com os macabros personagens em todos os meios. Eles estão rivalizando hoje com o popular universo vampirístico.

"É verdade que os vampiros predominam no mercado, tanto na literatura como no cinema, mas isso ficou tão saturado que abriu as portas para lobisomens, anjos e mortos-vivos", analisa Ademir Pascale, autor do livro *Zumbis – Quem Disse Que Eles Estão Mortos?*.

Um ponto à favor de sua manutenção na cultura pop de tempos em tempos é que eles têm a capacidade de se adaptar a diversos momentos históricos. Eles já representaram a sociedade norte-americana abalada pela grave crise financeira de 1929 e o consumo insaciável resultado pelo sistema capitalista.

O mais recente sucesso do meio surgiu com o seriado *The Walking Dead*. A atração televisiva tem como base para a adaptação a história em quadrinhos *Os Mortos-Vivos*, que voltou às bancas no Brasil graças ao sucesso da série. A literatura também foi influenciada e um ótimo exemplo é *Orgulho e Preconceito e Zumbis*, que traz versão *trash* do romance *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen.

Pascale acredita que a onda fez com que materiais de qualidade referentes ao universo dos zumbis cheguem até o público. "Os brasileiros lidam com maturidade com o tema e já existe uma grande gama de fãs sobre o assunto", diz o escritor, lembrando também as ações da *Zombie Walk*, na qual milhares de pessoas se fantasiam de mortos-vivos no Dia de Finados e seguem pelas ruas. O evento tem ocorrido nos últimos anos em São Paulo e em 2011 não será diferente.

LIVRO DOS MORTOS

Caso você conheça pouco sobre essas estranhas criaturas sedentas por carne humana, grande parte das respostas está nas páginas de *Zumbis – O Livro dos Mortos* (Editora LeYa, R$ 44,90, 464 páginas). A publicação não é um manual de sobrevivência contra esses inimigos, mas conta com vasto material informativo que promete agradar em cheio cinéfilos que acompanham a inusitada carreira cinematográfica dos mortos-vivos.

"Escrevi o livro porque queria lê-lo. Sempre fui fã de filmes de zumbis e um dia me perguntei o que existia neles que me fascinava tanto", explica, com exclusividade para o **Diário**, o jornalista Jamie Russel, autor do projeto.

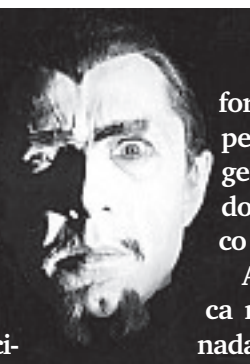
Adotando estilo dos recentes almanaques, o livro mostra como a lenda sobre a criatura surgiu, os primeiros longas-metragens para o cinema na década de 1930, a popularização dos filmes pelo diretor George A. Romero e a recente fase de projetos para o cinema e televisão. Também há uma filmografia zumbi com títulos lançados no Brasil, como *Cemitério Maldito* (1989), a trilogia *Uma Noite Alucinante* (1982, 1987 e 1992), *Extermínio* (2002) e *Terra dos Mortos* (2005), e outros que não chegaram oficialmente por aqui. É interessante analisar que o ponto inicial para a disseminação das histórias de zumbis foi o livro *A Ilha da Magia*, de 1929, no qual o escritor William Seabrook relata acontecimentos que vivenciou na então misteriosa ilha do Haiti. O conto influenciou o memorável filme *Zumbi Branco* (*veja quadro ao lado*) e outras milhares de produções para as telonas.

Apesar de sua popularidade, os monstros sempre figuraram na sombra de outras criaturas pouco mais respeitadas, como vampiros e lobisomens. Seus filmes sem altos investimentos ficaram marcados com a estigma de 'filmes B'. Segundo Jamie Russel, "os zumbis são uma espécie de operários do cinema de horror. Há milhões deles. Os vampiros são mais como os aristocratas. Não tenho certeza se nós precisamos levá-los mais a sério".

O autor levanta um importante ponto: os mortos-vivos são figuras modernas, originárias do século 20. Personagens importantes como Drácula e Frankenstein, por exemplo, possuem herança literária que lhes dão certo prestígio em comparação aos 'concorrentes'.

"Quando estava escrevendo o livro, todos diziam: 'Quem se importa com filmes de zumbis?'. Ninguém mais diz isso. Os zumbis retornaram dos mortos!", afirma Russel.▲

Reprodução



▼ A invasão dos mortos-vivos nos cinemas começou nos primórdios dos filmes de terror. Figuras icônicas ganharam versões cinematográficas e abriram caminho para outras criaturas sobrenaturais. O marco do estilo ocorreu em 1932, com a estreia de *Zumbi Branco*, dos irmãos Victor e Edward Halperin. Eles utilizam como base as informações contidas no livro *A Ilha da Magia*, para contar a história do casal Neil e Madeleine e sua viagem para o Haiti. No local, a garota acaba sendo transformada em zumbi pelo feiticeiro Legendre (interpretado pelo emblemático Bela Lugosi).

Apesar de a crítica não ter gostado nada da produção independente, o público se divertiu mais do que nunca com o horror envolvendo seres mortos que continuavam a andar pelas ruas e eram imunes a balas de revólver. Destaque para o trabalho de maquiagem da dupla Carl Axcelle e Jack Pierce, sendo este último responsável um ano antes por fazer do ator Boris Karloff o inesquecível monstro de *Frankenstein*. LFS